

---

TRAUMA E TESTEMUNHO EM *A NOITE DA ESPERA*, DE MILTON HATOUM  
TRAUMA AND TESTIMONY IN MILTON HATOUM'S *A NOITE DA ESPERA*

Irisvaldo [Iran] Laurindo de Souza<sup>1</sup>  
Mayara Ribeiro Guimarães<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho investiga os elementos de escrita do trauma presentes no livro *A noite da espera* (2017) de Milton Hatoum. A análise parte da concepção de trauma psíquico na teoria freudiana e de sua aplicação na teoria literária. Observamos como essa concepção gerou um novo conceito de representação -- a literatura de testemunho -- e como ele se estabelece com fundamentos próprios e características que demarcam diferenças em relação à narrativa tradicional. Situamos o livro em análise como um romance de teor testemunhal e comentamos as evidências que o inserem no contexto da escrita do trauma. As discussões deste artigo têm o aporte teórico de autores como Sigmund Freud (1926 [2014]), Werner Bohleber (2007), Márcio Seligmann-Silva (2003; 2005; 2018), Jaime Ginzburg (2010), dentre outros. **Palavras-chave:** Testemunho; trauma; ditadura militar; *A noite da espera*; Milton Hatoum.

**Abstract:** This paper investigates the elements of trauma writing present in Milton Hatoum's book *A noite da espera* (2017). The analysis starts from the conception of psychic trauma in Freudian theory and its application in literary theory. We observe how this conception generated a new concept of representation -- the literature of testimony -- and how it is established from its own foundations and characteristics that demarcate differences from the traditional narrative. We place the book under analysis as a testimonial novel and comment on the evidence that places it in the context of the writing of trauma. The discussions in this article have the theoretical contribution of authors such as Sigmund Freud (1926 [2014]), Werner Bohleber (2007), Márcio Seligmann-Silva (2003; 2005; 2018), Jaime Ginzburg (2010), among others.

**Keywords:** Testimony; trauma; military dictatorship; *A noite da espera*; Milton Hatoum.

---

1 Iran de Souza (Irisvaldo Laurindo de Souza), mestrando em Estudos Literários na UFPA. Bolsista Capes. E-mail: iran-desouza@gmail.com

2 Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA em Belém-PA. Doutora em Literatura Brasileira pela UFRJ. E-mail: mayribeiro@uol.com.br

## INTRODUÇÃO

A noção de trauma é seminal na teoria psicanalítica. Pode-se afirmar, como o faz Werner Bohleber (2007, p. 154), que “a psicanálise começou como uma teoria do trauma”. Sigmund Freud [1856-1939] formulou a noção ainda no final do século XIX em suas observações clínicas de casos de histeria. O postulado freudiano é que o trauma resulta essencialmente de um choque violento que incrusta um “corpo estranho” no aparelho psíquico, desorganizando-o, e abrindo caminho para a doença neurótica.

Freud atualizou sucessivamente sua concepção de trauma psíquico porém não sistematizou uma teoria a respeito (BOHLEBER, 2007). Observando-o em suas relações com a histeria, a angústia, a fantasia, a violência e a pulsão de morte, dentre outros fenômenos, diluiu-o num vasto conjunto de escritos e reflexões. Sua proposta inicial foi a de que o trauma tinha natureza sexual e a cena traumática figurava como representação recalçada de abusos sofridos na infância. Um modelo psicoeconômico em que “a cena primária -- a cena da sedução -- seria a base da situação traumática”, explica Seligmann-Silva (2018, p. 65).

Num segundo momento Freud incorporou concepções da teoria das relações objetais: o trauma não decorre do choque sofrido em si, teorizou desta vez, mas da quebra de confiança entre o *Eu/self* e o “objeto” que o provoca, o que leva ao insulamento da experiência traumática no aparelho psíquico da vítima. Esta visada alargou a compreensão do trauma. Por meio dela Freud passou a considerar que a neurose traumática não provém apenas de excitações pulsionais internas no âmbito da sexualidade, mas também de experiências externas decorrentes da exposição do indivíduo ao risco de morte. “A contribuição da teoria das relações objetais à teoria do trauma possibilitou o desenvolvimento de pesquisas com traumatizações extremas, como aquelas sofridas durante o Holocausto”, assinala Bohleber (2007, p. 165).

Os estudos com pessoas traumatizadas em situações-limite foram iniciados com os sobreviventes da Primeira Guerra Mundial. Porém Freud se opôs aos seus pares que insistiam em estudar as neuroses de guerra com ênfase em fatores externos (objetais). Defendeu a necessidade de considerar também as fraturas internas (anobjetais) do aparelho psíquico provocadas por afluxos pulsionais excessivos.

Após tudo o que sabemos sobre a estrutura das neuroses mais simples da vida cotidiana, é bastante improvável que uma neurose [*traumática*] venha a produzir-se apenas graças ao fato objetivo do perigo, sem participação das camadas inconscientes mais profundas do aparelho psíquico. [...] Por isso me atenho à conjectura de que o medo da morte deve ser compreendido como algo análogo ao medo da castração, e a situação ao que o *Eu* reage é a de ser abandonado pelo Super-*eu* protetor -- pelas forças do destino --, de modo que não há mais segurança contra todos os perigos [*internos e externos*]. (FREUD, 1926 [2014], p. 69-70, grifos nossos)

Os efeitos do trauma sobre a memória são negativos, profundos e devastadores. Uma vez impactada por feridas traumáticas, a memória deixa de operar por meio de seus me-

canismos normais. Corpo e psiquê, percepção e representação entram em descompasso, a repetição compulsiva instaura-se como falsa proteção contra a recordação do trauma, recalçando-o. Com o *Eu/self* submetido a uma espécie de congelamento e paralisia, o efeito é de desorganização psíquica e desamparo.

A atividade paralisada do *self* traumatizado leva ao congelamento do senso psíquico de temporalidade e provoca uma parada interna no tempo. Isso é descrito frequentemente como a sensação de que uma parte do *self* não entra mais na correnteza da vida, permanecendo sempre mais ou menor igual por não poder expor-se à vida. (BOHLEBER, 2007, p. 167)

Ao romper com a coerência psíquica o trauma cria uma espécie de memória sem lembranças ou, como preferem Maria Manuela Assunção Moreno e Nelson Ernesto Coelho Júnior (2012), um avesso da memória, algo como o seu próprio registro negativo. Este, simbolicamente vazio, é também o registro da não-representação. Disso decorre a enorme dificuldade de elaboração, narração e representação da cena traumática observada por Freud entre seus pacientes desde o final do século XIX.

Fraturado o processo de simbolização por um acontecimento que não pode ser assimilado, comprometida a capacidade de metaforização do vivido tão cara à imaginação, a cena traumática, quando içada dos recônditos mnésicos onde pode permanecer em latência por uma vida inteira, emerge sob o domínio da literalidade e da fragmentação. Experiência não incorporada à consciência, transborda caótica, lacunar e espasmódica: o que se relata não é linear, mas não linear, não raro paradoxal, não menos raro eivado de negação, fantasia, angústia e fantasmagorias.

Mas como narrar o inenarrável, como representar o irrepresentável e como simbolizar aquilo que extrapola a possibilidade de metaforização, particularmente no que diz respeito a traumas históricos coletivos que impactam gerações, grupos étnico-raciais e sociedades inteiras? No século XX, que teve a marca do trauma, como lembra Bohleber (2007), desenvolveu-se na literatura uma nova estratégia discursiva para isso -- a do testemunho.

## 1 TESTEMUNHO E ESCRITA DO TRAUMA NA LITERATURA

A absorção do conceito de trauma na literatura impactou diretamente o próprio estatuto literário. De acordo com Seligmann-Silva (2003) fez emergir uma nova expressão do “real”, anti-irônica e antimimética por excelência -- a literatura de testemunho. Mas o autor previne que essa expressão literária não constitui um gênero e sim uma face da literatura surgida na era de catástrofes em que se converteu a modernidade sob a égide do choque e da violência. E acrescenta que o testemunho de catástrofes é um ato complexo que precisa ser elaborado entre a visão (o que se viu), a narração oral (o que se conta de viva-voz) e a capacidade de julgamento (o estabelecimento de juízo de valor sobre os fatos testemunhados) (SELIGMANN-SILVA, 2005).

Embora tenha ganho cada vez mais espaço nos últimos anos, o conceito de testemunho, conforme Jaime Ginzburg (2010), está longe do consenso. Concebido inicialmente na

Europa e Estados Unidos em torno dos estudos sobre a Shoah e os tribunais do pós-guerra (*Zeugnisliteratur*), aportou na América Latina na década de 1960 pela via da resistência ao autoritarismo no continente (*testimonio*) e também adentrou a África pós-colonial nos anos 1970. Mas uma plataforma consensual decerto o alinhava acima de todas as diferenças geopolíticas e conceituais -- a de que toda e qualquer literatura de teor testemunhal tem a história como alicerce, a resistência à opressão e à violência como eixos temáticos permanentes, o compromisso ético e político de dar voz a sujeitos sociais que não a têm.

Em vista desta configuração discursiva que alça o relato testemunhal para além do campo literário, Ginzburg (2010, p. 28-29) argumenta ainda que o seu estudo “[...] exige uma concepção da linguagem como campo associado ao trauma. A escrita aqui não é lugar dedicado ao ócio ou ao comportamento lúdico, mas ao contato com o sofrimento e seus fundamentos, por mais que sejam muitas vezes obscuros e repugnantes”. Escrita do trauma, escrita da dor, anota o estudioso: em sua tessitura o real emerge como fratura e não como epifania, demanda do sujeito da enunciação um esforço de elaboração estoico, assimila os conflitos sociais como recursos expressivos, a experiência que tematiza não é a individual, como no romance burguês e na autoficção, mas a coletiva, com vistas à afirmação política de grupos marginalizados ou perseguidos. A rigor é uma escrita de resistência que busca “[...] dar voz às vítimas do impacto do trauma, e também apresentar uma posição no campo dos conflitos históricos”, remata Ginzburg (Ibid., p. 30). E nós inferimos que este é o contexto do romance de Milton Hatoum, *A noite da espera* (2017), primeiro volume da trilogia *O lugar mais sombrio*, que tematiza os “anos de chumbo” da ditadura civil-militar brasileira. A hipótese que investigaremos neste artigo é a de que por suas características temáticas e discursivas o livro constitui-se como obra de teor testemunhal ancorada na elaboração de uma cena histórica que tem o signo do choque e da violência. Além disso comentaremos também as evidências que o inserem no contexto da escrita do trauma.<sup>3</sup>

## 2 A NOITE DA ESPERA COMO ESCRITA DO TRAUMA

Com a trilogia *O lugar mais sombrio* Milton Hatoum evadiu-se do espaço e do tempo amazônicos, que são pontos focais de seus livros anteriores, e mergulhou no trauma histórico não do Norte do país especificamente, mas da nação brasileira em sua totalidade. Esse trauma, como dissemos, é o da ditadura civil-militar. E, para elaborá-lo, o escritor, mantendo o registro da ficção, incorporou elementos do conceito do testemunho, que funda, como também já assinalamos, a escrita do trauma.

O eixo narrativo de *A noite da espera* é a história de Martim, um adolescente paulista-no que em 1967, aos 16 anos, enfrenta uma séria fratura pessoal e familiar com a separação dos pais. A mãe, Lina, professora de língua francesa, vai morar com um artista plástico no interior. O pai, Rodolfo, engenheiro civil, não se conforma com o fim do casamento,

3 Mais do que falar em “literatura de testemunho”, que não é um gênero, Márcio Seligmann-Silva (2005, p. 85) propõe que “nos estudos de testemunho deve-se buscar caracterizar o ‘teor testemunhal’ que marca toda obra literária, mas que aprendemos a detectar a partir da concentração desse teor na literatura e escritura do século XX”. É nessa perspectiva que abordaremos *A noite da espera*, referindo-nos ao livro ora como “obra” ora como “romance” de teor testemunhal.

e transfere-se para Brasília no ano seguinte juntamente com o filho. O livro acompanha a trajetória de Martim por 11 anos, até o limiar da década de 1980, mas não apenas a dele -- também a de sua família, a de seus amigos e a do país que, com a vigência do Ato Institucional nº 5 quase no mesmo intervalo de tempo (1968-1978), viveu o período de maior repressão e violência da ditadura militar.

Assinalemos de início que, embora percorra os meandros da vida privada, a começar pela de Martim e de seu núcleo familiar, *A noite da espera* constitui sobretudo uma narrativa da vida pública brasileira na segunda metade do século XX, a partir dos pontos de vista dos personagens. O foco do livro de Hatoum é a cena histórica, que mais uma vez se desenrola no palco da nação como experiência do trauma:

Uma Dauphine branco passava devagar pela W1 e brecou perto de uma Veraneio na contramão. O motorista da Veraneio acendeu o Farol alto, mas ainda não estava escuro. Dois homens à paisana saíram da Veraneio e agarraram o motorista do Dauphine; outro homem, mais forte, físgou do banco traseiro uma moça baixinha e magra. Algemou-a e enganchou no pescoço dela o polegar e o indicador, feito uma forquilha. O motorista do Dauphine foi arrastado até a frente da Veraneio, o clarão dos faróis o cegava enquanto ele se defendia de socos e pontapés; a moça magra foi arrastada até o clarão, depois o corpo amolecido e ensanguentado do motorista do Dauphine foi jogado no porta-malas da caminhonete, a moça e os policiais sentaram no banco traseiro e a Veraneio tomou o rumo do Eixo Rodoviário. (HATOUM, 2017, p. 41)

Martim presencia a cena de truculência policial em março de 1968, apenas três meses depois de chegar a Brasília com Rodolfo. Em plena adolescência, aturdido com a ausência da mãe e a opressão do pai, decerto ele ainda não compreende o seu mais profundo sentido -- o de que o regime de exceção instaurado quatro anos antes com promessas de breve restauração da ordem democrática e constitucional está se fechando e vai fechar-se ainda mais até atingir o terror de Estado. Isto é, até o AI-5 suspender as liberdades democráticas, os direitos humanos e instalar uma máquina eficiente e poderosa de matar gente nos porões da repressão (SCHWARCZ; STARLING, 2015).

No curso de *A noite da espera*, entre 1967 e 1978, a ditadura aprofunda o controle das instituições políticas e da vida social com instrumentos jurídicos de exceção e também com perseguição aos seus opositores. Há os beneficiários da “nova ordem” -- como o pai de Martim, a Baronesa e o pai de Angela, um senador da Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido de sustentação do regime -- e há os que vão pagar caro por se oporem publicamente a ela. Assim, enquanto Rodolfo ascende no ramo da incorporação imobiliária em vista de suas boas relações com a burocracia do regime, o embaixador Faisão, por suas posições progressistas, é relegado ao ostracismo no Ministério das Relações Exteriores. O professor e diretor de teatro Damiano Acante e seu grupo ficam marcados como subversivos após a montagem da tragédia *Prometeu acorrentado*, de Êsquilo, com alusões à ditadura. O português Jorge Alegre cerrará as portas de sua livraria logo que a liberdade de expressão evoluir-se de vez com a radicalização do regime. A Universidade Nacional de Brasília (UnB)

terá seu campus seguidamente invadido por forças policiais e os militares ordenarão uma “caça às bruxas” na instituição. Martim não conseguirá rever a mãe, e suspeitará que por trás de seu sumiço tanto podem existir manobras do pai para penalizá-la por separar-se dele como tramas políticas que lhe são inescrutáveis. E o coletivo artístico-político-estudantil da revista *Tribo*, que reúne o próprio Martim, Fabius, Angela, Lázaro, Dinah, Lélío (Nortista) e Vana, dentre outros, esfacela-se quando a espionagem, a delação, a censura e a repressão irrompem desenfreadas no governo do general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974).

Direta ou indiretamente, em maior ou menor grau, os personagens se veem submetidos à coerção, à violência e ao terror político do regime de exceção. E as feridas causadas nas subjetividades individual e coletiva por essa experiência de choque é que vão desembocar tempos depois num testemunho enformado pela escrita do trauma. A primeira grande característica dessa escrita, conforme Seligmann-Silva (2018), é a fragmentação discursiva. Observamos de fato que, em sua descontinuidade textual e narrativa, *A noite da espera* é um livro de fragmentos estruturados como diário, um tipo de arranjo textual que “[...] remete a vestígios de um dilaceramento”, segundo Eurídice Figueiredo (2017, p. 138). Fragmentos que Martim, já no exílio na França, dá-se ao trabalho de compilar mais como organizador do que como autor:

#### Rue d’Aligre, Paris, março, 1978

[...] Tirei da sacola a papelada de Brasília e São Paulo: cadernos, fotografias, cadernetas, folhas soltas, guardanapos com frases rabiscadas, cartas e diários de amigos, quase todos distantes; alguns perdidos, talvez para sempre.

Comecei a datilografar os manuscritos: anotações intermitentes, escritas aos solavancos: palavras ébrias num tempo saltado. (HATOUM, 2017, p. 16-17, grifos do autor)

O tempo-espaço de *A noite da espera* é portanto de intermitências e rupturas. Ou, como prefere Martim, de saltos: avança até Paris às vésperas da década de 1980, recua a São Paulo no final da de 1960, mas transcorre sobretudo em Brasília -- com idas e vindas frequentes no calendário -- no início dos anos 1970. Um relato aos solavancos cujos blocos textuais se espalham como estilhaços, sucedendo-se sem continuidade porém articulando internamente seu próprio emaranhado de falas, solilóquios, memórias e fatos (SANTOS, 2015). E, para além das individualidades que o produzem, esse “trançado” de vozes, ao totalizar-se, constitui um testemunho coletivo inteligível do trauma recalcado da ditadura. Note-se ainda que a narrativa é descentrada. O sujeito da enunciação, que seria o condutor não raro onisciente e onipresente na representação literária tradicional, dispersa-se, dilui-se, perde-se em meio à polifonia reinante (GINZBURG, 2010). Afinal a ferida fustigada, isto é, o trauma em perlaboração não é só o dele, é coletivo, social, sobretudo geracional. Portanto o que lhe cabe -- o que cabe a Martim no texto em análise -- é o esforço estoico de “ordenar o caos” da memória cindida. E se há uma vertente de linguagem dominante na

textualidade de *A noite da espera* essa é mais a da metonímia e menos a da metáfora. Nela prevalecem o registro da apresentação e não o da mimese, a literalização do discurso, a narrativa não linear e a espacialização fragmentada. Deste modo constitui-se um verdadeiro processo de “coisificação antissimbolizante” que faz a cena traumática emergir como “coisa em si” e não como “metáfora da coisa” (SELIGMANN-SILVA, 2018).

Compreendemos, pois, que esta é a estratégia discursiva dominante em *A noite da espera*, romance de teor testemunhal no qual observamos que via de regra o autor evita os jogos metafóricos, a performance lírica e a representação mimética; no qual o ataviamento da cena, recorrente na ficção tradicional, converte-se antiteticamente em desnudamento cênico; e no qual o real não é recriado mas tão somente apresentado literalmente em sua abjeção e obscenidade (SELIGMANN-SILVA, 2018; GINZBURG, 2010). No mais, é com grau acentuado de literalização que os fragmentos do livro de Milton Hatoum são compostos. Neles a descrição é que modula a narração. O prosaico impõe-se sobre o poético. E o diapasão do livro em sua totalidade é este – a apresentação da cena traumática. O que é feito de múltiplos ângulos: nos registros da cena política, nos apontamentos sobre a realidade circundante, nas notas da vida privada e mesmo nos diálogos entre os personagens. O trauma permeia todos eles. Senão vejamos.

Tomando o romance de teor testemunhal de Hatoum primeiramente como crônica política, observamos que de suas páginas emergem como fantasmagorias os instrumentos políticos e ideológicos que fizeram da ditadura militar o *lugar mais sombrio* da nação. Lá figuram a ideologia da ordem e do progresso em sobreposição à da liberdade e da justiça social, a reprodução deste aparato ideológico em micro-espacos de poder como a família, a instrumentação jurídica do controle dos poderes constituídos e da sociedade civil, a violência institucionalizada contra os opositores. Também estão presentificados o cerceamento da liberdade de pensamento e de expressão por meio da censura e da delação, o controle repressivo da educação e o rebaixamento do conhecimento científico, a ação coercitiva contra os ímpetus libertários e criativos da juventude. Tudo isso se refrata, como dissemos, em seus “estilhaços textuais”. O fechamento do regime em 1968, por exemplo, é uma fratura política exposta literal e dolorosamente na fala de um dos personagens: “Tudo está ficando mais complicado. Depois do AI-5, o medo tomou conta. A liberdade é uma quimera. Essa noite macabra é muito longa, não vai acabar tão cedo assim” (HATOUM, 2017, p. 158), prevê o embaixador Faisão para Martim em maio de 1972. Outro “evento” apresentado literalmente é o da universidade acuada pela ditadura:

**Asa Norte, Brasília, 29 de dezembro de 1968**

[...]

Numa quinta-feira de agosto, quando o campus da UnB foi invadido e ocupado, professores, alunos e deputados da oposição foram espancados e presos, os laboratórios dos cursos de medicina e biologia, destruídos, os animais na mesa de cirurgia agonizaram até a morte, um estudante de engenharia foi baleado na testa... As incursões da polícia ao campus continuaram até o fim do semestre.

(HATOUM, 2017, p. 54, grifos do autor)

Mas em *A noite da espera* o testemunho sem metáforas nem circunlóquios, literal e visceral, não decorre apenas da elaboração de cenas traumáticas da vida pública, como as invasões da UnB pelo aparato da repressão. Também emerge, como dissemos, das fraturas da vida privada dos personagens -- do drama familiar de Martim, por exemplo, o qual também constitui um trauma psíquico para o adolescente. Depois de esperar inutilmente pela mãe, que falta ao encontro marcado em Goiânia (GO) em 1970, ele amarga um “travo melancólico” que só vai perlaborar com o tempo: “Dessa cidade ainda recordo o canto melodioso de mulheres, a leitura de um romance magnífico,<sup>4</sup> um homem caído ao pé de um monumento, um parque perto da rodoviária, um relógio branco, um quarto vazio e uma grande frustração” (Ibid., 2017, p. 98), datilografa oito anos depois em Paris num esforço doloroso de desrecalque da cena encriptada na memória.

Refletindo um pouco mais sobre a literalização discursiva que permeia o livro de Hatoum, com sua dinâmica de “texto-testemunho” que descreve as “coisas em si”, observamos na obra o esforço de elaborar também um outro tipo de trauma, aquele incrustado no cotidiano, recorrente na era de catástrofes da modernidade, como assinalam Seligmann-Silva (2018) e Ginzburg (2010). E é sem artifícios de representação mimética que são apresentadas as cenas de pobreza e desigualdade no país -- traumas sociais que se repetem historicamente sob os auspícios do autoritarismo e da violência que dão suporte ao domínio das elites. Uma das experiências formadoras que Martim terá aos 19 anos, em 1970, ao percorrer as cidades-satélites de Brasília, cuja existência desconhecia até então, será justamente essa -- o choque da miséria. E, ao testemunhá-la alguns anos mais tarde, ele terá o extremo cuidado de não representar nem ataviar a cena.

#### Taguatinga, Distrito Federal, domingo de maio, 1970

[...]

Os lotes eram delimitados por pedaços de pau cravados na terra; poucas árvores, uma e outra palmeira no cerrado queimado. Crianças e mulheres carregavam tábuas, homens cavavam a terra para fincar estacas. Recordei os rostos imigrantes fotografados por tio Dácio, mas o que eu via agora não eram imagens num papel: as pessoas estavam ali, carregando caibros, pontas de pau, ripas, pedaços de plástico preto e objetos de uma mudança recente. Porcos, bodes e cabras estavam amarrados em tocos de palmeiras, cachos de galos e galinhas tremiam, as patas atadas por um cordão; árvores e arbustos abatidos eram disputados para juntar lenha ou talhar um banco. (HATOUM, 2017, p. 106, grifos do autor)

Outra marca importante do discurso testemunhal que também pode ser observada em *A noite da espera* é o embate entre oralidade e escrita. Ora, como sustentam os estudiosos, a

---

<sup>4</sup> *A educação sentimental*, de Gustave Flaubert.



fala é a expressão por excelência do testemunho. Proferida de viva voz na cena de tribunal ou nos registros audiovisuais de memória, ela se impõe sobre a transcrição, isto é, sobre o texto escrito (SELIGMANN-SILVA, 2005). Posta no papel, como acontece na literatura, nem por isso deixará de reivindicar precedência. O texto em análise parece-nos corroborar essa assertiva. A estilização literária que dá acabamento formal aos seus fragmentos dota-os, ou melhor, preserva neles a sintaxe coloquial dos testemunhos orais. Isso intensifica sobremaneira os diálogos — que se sucedem em profusão do início ao fim do texto — como elementos de enunciação, levando-os ao limiar da escrita dramática.

Os lábios finos [de Áurea, a Baronesa] se abriram para o meu rosto: “Teu pai está aborrecido contigo. Não sei qual é o problema entre vocês... tua mãe ou o dono daquela livraria?”

“A Encontro está trancada e vazia”, eu disse. “Alguma coisa aconteceu com Jorge Alegre. Qual é o número do telefone dele?”

“Só Damiano Acante sabe”, disse Vana.

“O professor comunista?”, perguntou a Baronesa.

“O professor de artes cênicas”, respondeu Vana.

Fabius queria ir agora mesmo à Colina.

“A Colina é perigosa”, advertiu a Baronesa. “Vocês não deveriam ir para lá.” (HATOUM, 2017, p. 217)

Não apenas no discurso direto, mas também nas outras variantes discursivas utilizadas por Hatoum, as marcas de oralidade perpassam os fragmentos de *A noite da espera* e tensionam a escrita enquanto fundamento textual. Porém essa acentuação da sintaxe oral não deve ser compreendida meramente como técnica de estilização literária adotada pelo autor. Inferimos que, no contexto da escrita do trauma, a oralização também tem outras funções. Prover recursos expressivos para a subjetivação do testemunho é uma delas. Ou seja, estabelecer novos padrões discursivos à margem do cânone para que as vítimas possam testemunhar em primeira pessoa e estabelecer seus pontos de vista sobre os acontecimentos vivenciados, contrariando o discurso hegemônico sobre a história e tecendo novas subjetividades coletivas (GINZBURG, 2010).

A oralização do testemunho também atende à demanda de ativar os mecanismos psicolinguísticos necessários para o resgate da cena traumática do registro negativo ou avesso da memória (MALDONADO; REZENDE, 2010). Cena que, por não deixar traços psíquicos, figura apenas como marca mnésica, de acordo com a concepção freudiana, e que ao encriptar-se na psiquê cindida mantém-se em posição de “[...] exterioridade em relação à linguagem e à significação” (Ibid., p. 53). Apresentar essa cena, mostrá-la ou presentificá-la, fazendo o real emergir como trauma, demanda um esforço de elaboração maior que o permitido pela linguagem. Imagens e metáforas já não são suficientes. A operação discursiva passa a ser outra outra — a descrição: “descarnar” as cenas, desataviá-las. E, para essa finalidade, que é a de fazê-las emergir em sua literalidade, a oralização do testemunho, o seu registro como fala, como voz que tece o ordinário (SANTOS, 2015), figura como procedimento de alta eficácia no texto em análise.

### 3 ESCRITA DO EXÍLIO, ESCRITA DO TRAUMA

“Inverno e silêncio. Nenhuma carta do Brasil” (HATOUM, 2017, p. 11) é a primeira frase de *A noite da espera*. Martim a redige em dezembro de 1977, em Paris, onde a única facilidade que encontra é o domínio da língua francesa adquirido com a mãe. Acuado pela ditadura por envolvimento com o movimento estudantil, ele foi empurrado para o exílio. Alguns de seus amigos, como Damiano Acante, Anita e Julião, também. E o exílio, como reflete M. Edurne Portela (2008, p. 8), nada tem de dulce far niente em terra estrangeira: “En realidad, el exilio no es un paréntesis en la vida del sujeto, sino la prolongación de un trauma que comienza con la violencia que impulsa el desarraigo [...] y continua de por vida”.<sup>5</sup>

Abrupto e imperioso, o exílio impõe perdas severas às suas vítimas. Dentre outras, a distância da terra e da língua pátrias, a separação da família e de suas demais comunidades de afeto, o desenraizamento cultural, a errância por lugares com os quais não têm vínculos de pertencimento, o silêncio com efeito de clausura e a inevitável desestruturação psicológica por tudo isso. Enfim, “no exílio se vive o luto da perda de referência maior que é o país natal”, anota Figueiredo (2017, p. 160). Tempo de melancolia, saudade e frustração, o exílio. E seu fardo logo pesa às costas de Martim. Lembrar um fugaz momento de deleite no qual o embaixador Faisão interpretou para ele um chorinho de Ernesto Nazareth ao piano, em Brasília, não lhe dará contentamento; pelo contrário, fustigará ainda mais as feridas de sua memória.

Os trechos que tocou me entristeceram, e a lembrança de acordes tão melódicos me lançou para o tempo presente, ainda mais sombrio: esta madrugada parisiense, longe do Brasil, sem meus amigos, sem Dinah e Ângela, sem minha mãe. Fantasmas que surgem a qualquer momento entre o anoitecer e a primeira luz da manhã...

Talvez seja isto o exílio: uma longa insônia em que fantasmas reaparecem com a língua materna, adquirem vida na linguagem, sobrevivem nas palavras... (HATOUM, 2017, p. 210)

Capturamos aqui a “deixa” de Martim sobre os fantasmas que “adquirem vida na linguagem” e “sobrevivem nas palavras” para refletir juntamente com Santos (2015) a respeito da escrita do exílio como extensão, ou melhor, como variante da escrita do trauma.

O exílio, com sua tônica de desenraizamento, sua característica de perdas e rearranjos, sua memória sempre latente, mantendo flutuante aquele ao qual afeta, desfazendo laços, quebrando fronteiras, desarranjando o mundo tal qual se conhece, imbricando culturas, elevando meros acontecimentos à categoria de experiência, caracteriza-se como momento traumático em muitos textos de teor testemunhal. (SANTOS, 2015, p. 44)

<sup>5</sup> “[...] na realidade, o exílio não é um parêntese na vida do sujeito, mas o prolongamento de um trauma que começa com a violência que desenraíza [...] e continua pela vida.” [tradução livre]

Como dissemos de início, esse movimento, o da experiência traumática do exílio como base para o relato testemunhal, também está presente no livro de Hatoum. Nele o trauma do banimento para a França soma-se ao do Estado de exceção instaurado no Brasil -- no caso de Martim há também o da ausência inexplicável da figura materna --, ambos relacionados como causa e efeito, portanto indissociáveis. É mais uma ferida na psique de seus personagens, mais um “buraco negro” aberto na subjetividade e que demandará imenso esforço de elaboração (BOHLEBER, 2007; SELIGMANN-SILVA, 2018).

Refletimos, por fim, que a perlaboração da experiência traumática como um todo no texto em análise -- ruptura familiar, choques do cotidiano, opressão e violência da ditadura, exílio e melancolia -- tem seu ponto de partida no desejo do sujeito histórico de não ficar calado, de levantar a voz e de testemunhar para a posteridade as injustiças sofridas num regime de exceção. Essa é atitude de Martim ao organizar os manuscritos do “baú de memórias coletivas” que levou consigo para o exílio. Também é a atitude de Milton Hatoum ao tomar a *noite mais sombria* da história brasileira como matéria romanesca e lugar de memória. E há de ser a do próprio leitor ao aceitar o pacto da literatura de testemunho, com sua proposta de expor as entranhas mais aviltantes e dolorosas do “real”.

## CONCLUSÃO

Analizamos neste artigo o romance testemunhal *A noite da espera* (2017), de Milton Hatoum, com o objetivo de refletir sobre ele enquanto obra literária assentada sobre os fundamentos da escrita do trauma. Começamos por perscrutar o conceito de trauma na teoria psicanalítica. Com o suporte teórico de Bohleber (2007) e Seligmann-Silva (2003; 2005; 2018), vimos que para Freud o trauma tem motivações tanto pulsionais (anobjetais) quanto exteriores ao Eu/*self* (objetais), e resulta de choques inassimiláveis que abrem caminho para a doença neurótica no indivíduo. Discorreremos ainda sobre os seus efeitos na memória bem como sobre a impossibilidade de representá-lo simbolicamente.

No campo literário a noção de trauma deu suporte ao desenvolvimento de um novo conceito de representação -- o do testemunho -- que se articula, do ponto de vista da linguagem, por uma estratégia própria de expressão que foi chamada de escrita do testemunho ou escrita do trauma. Suas principais características e fundamentos são, dentre outros, a literalização da memória cindida, a fragmentação discursiva, a permanente tensão entre oralidade e escrita, o descentramento do(s) sujeito(s) da enunciação, a recusa à representação mimética e a abordagem descritiva.

Foi em busca desses elementos que percorremos a escrita de *A noite da espera*, com o esteio teórico de Ginzburg (2010) e novamente de Seligmann-Silva (2003; 2005; 2018), além de outros críticos, para observar no texto analisado as características e fundamentos da escrita do trauma. Pudemos constatar que o romance testemunhal de Milton Hatoum, o primeiro da trilogia *O lugar mais sombrio* sobre a Ditadura Civil-Militar Brasileira, “[...] mergulha no impacto traumático do processo histórico” (GINZBURG, 2010, p. 171) articulado em alto grau por uma escrita que reúne as características citadas. Assim, contribui para ressignificar, em vista de sua continuidade no tempo, o trauma histórico que foi o mais longo período de exceção da história republicana brasileira. E se falamos em continuidade

é porque a ditadura terminou em 1985, mas o “trauma sequencial” -- para tomar de empréstimo o conceito do crítico alemão Sven Kramer citado por Ginzburg (2010) -- ainda está impregnado em corações e mentes, legado de uma geração para outra com o agravante de que, no Brasil, nem o Estado assumiu seus crimes nem os responsáveis por torturas e assassinatos foram punidos.

## REFERÊNCIAS

- BOHLEBER, Werner. *Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise*. Trad. Edith Vera Laura Kunze. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 41, n. 1. São Paulo, mar.-2007, p. 154-175.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017. 179 p.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas, v. 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. 1. ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 392 p.
- GINZBURG, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. 2010. 300 f. Tese (Livre docência / Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2010.
- HATOUM, Milton. *A noite da espera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 237 p.
- HATOUM, Milton. *Pontos de fuga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 310 p.
- MALDONADO, Gabriela. CARDOSO, Marta Rezende. *O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias*. Psicologia Clínica, v. 21, n. 1, Rio de Janeiro, 2009, p. 45-57.
- MORENO, Maria Manuela Assunção; COELHO JÚNIOR, Nelson Ernesto. *Trauma: o avesso da memória*. *Ágora: Estudos Em teoria Psicanalítica*, vol. 15, n. 1. Rio de Janeiro, jan.-jun., 2012, p. 47-61.
- PORTELA, M. Edurne. *Cicatrices del trauma: cuerpo, exilio y memoria en Una sola muerte numerosa de Nora Strejilevich*. Revista Iberoamericana, vol. LXXIV, n. 222. Pittsburgh (EUA), Enero-Marzo, 2008, p. 71-84.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.] Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. 535 p.
- SANTOS, Vivian Leone de Araújo Bastos Santos. *Memória, testemunho e exílio no romance No exílio de Elisa Lispector*. 2015. 118 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Helena Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 694 p.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença. Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018. 360 p.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O testemunho: entre a ficção e o real*. In.: *História, memória, literatura: o*

*testemunho na Era das Catástrofes*. Org.: Márcio Seligmann-Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. 555 p.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes*. Projeto História, São Paulo (30), jun. 2005, p. 71-98.